

LETRAS FLUMINENSES

ANO VIII -- NITERÓI -- ESTADO DO RIO DE JANEIRO -- JANEIRO-FEVEREIRO DE 1958 - N.º 17

Prêmio "Letras Fluminenses" de 1957

Distinguido o ensaio sobre Raul Pompéia assinado por Stefan Eymard, pseudônimo de Arnaldo José de Castro de São João de Meriti

Sob o patrocínio de Moreira Carneiro & Cia. (Moreira dos Cofres), vem mantendo esta revista há alguns anos o Prêmio "Letras Fluminenses", no valor de Cr\$ 5.000,00. No ano passado destinamos o prêmio ao melhor ensaio que nos fosse remetido e agora o Grupo de "Letras Fluminenses" vem de pronunciar-se, depois de julgar os originais

remetidos. Mereceu a preferência da Comissão o trabalho intitulado RAUL POMPEIA (notas às críticas) de autoria de Arnaldo José de Castro, residente em São João de Meriti, que concorreu sob o pseudônimo de Stefan Eymard. A entrega do prêmio, que é uma gentileza do Sr. Walter Moreira Carneiro, será feita em sessão pública, em dia previamente anunciado.



BEATRIZ CONSUELO, bailarina brasileira, integrada no ballet francês do Marquês de Cuevas, aparece (em fotos) na revista especializada LIDO, n.º 8, documentando sua última criação.

LEIA NESTE NÚMERO

XAVIER PLACER — entrevistado em UM NOVO POR VEZ:

— "Cândidamente confesso: sempre me espantou o desinteresse generalizado do escritor brasileiro pela procura de uma filosofia de vida, substituída, aliás, por um ingênuo naturalismo" (Pág. 9)

☆

VICENTE SALLES — tecendo considerações sobre concretismo:

Quem quiser se juntar ao movimento concretista, que o faça com o mesmo ardor e tenacidade dos que estão conquistando palmo a palmo, pulo a pulo, o terreno ainda baldio de nossas vaidades literárias". (Pág. 6)

☆

HÉLIO ALVES DE ARAÚJO — em ensaio sobre MARQUES REBELLO, POETA MORTO:

— "A prosa de Marques Rebelo é quase elogiosa, distinguindo-se, mais uma vez da de seus companheiros de geração, que temem os símbolos do romantismo universal..." (Pág. 8)

E AINDA:

- A REVOLUÇÃO DA TERNURA — de Paulo Renato
- MENSAGEM DE UM POETA SOLITÁRIO — Lacyr Schettino
- NA PRAIA — conto de Afonso Miranda
- UM QUE NÃO CORTEJOU — Afrânio Coutinho
- CONVERSA A SÉRIO — Hélio Alves de Araújo
- GENTE (de teatro) QUE PENSA DIZ O QUE PENSA — Jota Franco
- JOSÉ MAURÍCIO — Ciléa Quaresma de Moura
- POESIA DO MUNDO — poesia alemã (moderna) em trad. de Ignez Teltscher e Silésio Nascimento
- PSICOLOGIA DA COMPOSIÇÃO POÉTICA — Mário Newton Filho

O Satélite

Nildo de Oliveira Vianna

SITUO meu sentimento frente ao satélite,
Ao satélite russo, feito de manchetes nos jornais
E estardalhaço nos auto-falantes.

Afasto a cerrada propaganda que me insulta,
Deixo de lado o copo plástico, o cigarro,
Desligo a televisão — ainda é dia!
Consigo ver meninas russas sorrindo para o céu.

Aqui as crianças nada entendem de satélites,
Não os sabem sinônimos de luas,
Não os percebem acima das bonecas
E dos batalhões de chumbo.

Alguma perguntara, talvez,
Terminado o jantar,
Quando os adultos brincam de conferências científicas:
"Papai, que negócio é este de satélite?"

Da resposta insôssa, a menininha
Conclui que uma estrelinha nova
Feita do mesmo aço das agulhas
Faz tique-taque lá no alto.

Para o garoto,
Que sonha bôldos interplanetários,
O satélite é coisinha atoa,
Muito menos real que aeronaves cósmicas,
Reatores atômicos, e as monstruosas cidades aladas
Das histórias em quadrinhos, dos filmes de domingo.

Paira o satélite sobre o Mundo: Médo no Mundo!
Médo de um objeto frio, distante, pequeno, sózinho...
Médo nos olhos voltados para dentro,
Angústia nas faces e nos gestos trêmulos
Cansados de responsabilidade.

Médo do médo.
Terror do fim, da morte, do mistério.
No entanto, a nova Lua pulsa,
Gira e lateja como um coração
Perdido na infinita solidão vasia...
Cá em baixa,
No borborinho de inquieta e frágil humanidade,
A emoção aflora num sorriso
Aos lábios do homem pacientemente à espera:

Dentro dos olhos, traz as lentes, surge
A misteriosa esfera em seu roteiro!
Nos fones vibram persistentemente
Ondas-afirmação do veículo fronteira
Da audácia humana!...
Até onde irá o homem?

CONCURSO

"UM CONTO POR UM CONTO"

"A PROMESSA DE UM NATAL" O CONTO ESCOLHIDO — AUTOR: MANOEL DE OLIVEIRA MELO, DE VILA ISABEL, D. F.

Patrocinado por Mônica por Green, pseudônimo de Silvestre (Livraria Manoel de Oliveira Mello, de Ideal), lançamos o Vila Isabel, Distrito Federal. Concurso Um Conto por um O prêmio de mil cruzeiros Conto, destinado a premiar que aquela Livraria ofereceu o melhor conto que nos fôs- ao concorrente em causa se- se enviado. Dentre os recebi- rá entregue em breves dias, dos, selecionamos "A Pro- juntamente com o Prêmio messa de Natal", apresentado "Letras Fluminense".



VINHETA de Gipson de Freitas

Este ano ocorreram vários centenários de nascimentos de celebridades nas letras. Entre eles, podem-se assinalar: o romancista anglo-polonês, Joseph Conrad (1924); o ficcionista inglês da escola realista Georg Gissing (1903); o dramaturgo e romancista alemão Hermann Sudermann (1928); o escritor Carlos Adolfo Gjellerup (1919) e o prosador e poeta Pontoppidan Henrique, ambos dinamarqueses, prêmio Nobel, 1917.

Vários franceses também nasceram há cem anos: Paul Hervieux (1915); Maurice Maeterlinck (1911); Gustave Lanson (1934); George Le-nôtre (1935); e o suíço Eduardo Rod (1910).

Na Espanha há que anotar: Salvador Rueda (1933) e Emilio Cotarelo (1936).

Portugal viu passar os centenários de Fialho de Almeida (1911); Filinto de Almeida; José Pereira de Sampaio (1915), conhecido pelo pseudônimo Bruno; José Lopo Tavares, José Maria Rodrigues, Barros Lobo, Madalena Frondoni Lacombe, Ernesta Pires e Hugo Vieira Leal.

E no Brasil: Aluizio Azevedo (1916); José Veríssimo (1933) e Francisco de Castro (1901).

NOTAS

O Casamento do Céu e do Inferno, de William Blake, foi em tempo, traduzido por Xavier Placer. Agora, Eugénio Gomes, "expert" em literatura inglesa, escreveu breve ensaio introdutório sobre o famoso místico inglês.

AINDA, de Xavier Placer, sairá em Edições Letras Fluminenses, uma coletânea de short story: Histórias Para Matar o Tempo.

ILUSTRADO por Gípson de Freitas, Newton Beza lançará o livro de contos: Estranha Aparição.

MURAL LITERÁRIO

CONCURSO LITERÁRIO DA UNIÃO FLUMINENSE DOS ESTUDANTES

A União Fluminense dos Estudantes, obedecendo o plano de atividade de sua Secretaria de Arte e Cultura, acaba de instituir um Concurso de Trabalhos Literários, com o qual visa não só compreender um amplo programa de interesse cultural, mas também incentivar e propagar os novos autores universitários.

Estimulando-lhes a vocação para as letras, abrindo-lhes o horizonte do conhecimento público, a União Fluminense dos Estudantes pretende, fazer desta realização um dos pontos altos da gestão 1957-58, certa de estar cumprindo suas elevadas finalidades no campo da cultura universitária fluminense.

O Concurso de Trabalhos Literários obedece às seguintes condições:

- 1 - Poderão concorrer universitários fluminenses que, no ato da apresentação do trabalho, provarem tal condição;
- 2 - O concurso compreenderá os gêneros CONTO e POEMAS;
- 3 - Quanto à extensão, os trabalhos, deverão obedecer ao seguinte: CONTO - mínimo de 2 (duas) laudas, tamanho ofício, datilografadas, em espaço 2; POEMA - mínimo de 20 (vinte) versos;
- 4 - os trabalhos deverão ser remetidos em 2 (duas) vias, sob pseudônimo, acompanhados de envelope fechado, que traga, no seu interior, nome e endereço completos do concorrente;

SALVADOR DALI ILUSTROU "DON QUIJOTE EN LA ERA ATOMICA"

BARCELONA, 20 - Anunciou-se que o pintor Salvador Dali concluiu as ilustrações de um dos mais custosos livros do mundo: "Don Quijote en La Era Atômica". A informação acrescenta que o famoso e discutido pintor já entregou 13 das 15 litografias que conterá a obra, que está sendo editada pelo publicista francês Joseph Foret, destinada a produzir milhões de dólares.

O ANUÁRIO GEOGRÁFICO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO acaba de alcançar o novo número. Publicação feita pelo IBGE, com o concurso do Departamento Geográfico do Estado, tem à frente o eng. Luiz de Souza, que se entrega com entusiasmo à tarefa. É o ANUÁRIO, de alta excelência do conteúdo, um acervo de real valor para o estudioso de geografia, sociologia e história da província fluminense.

O crítico Afrânio Coutinho é o orientador intelectual da Editora Aguilar, da Espanha, que ora instala, no Brasil, uma filial. As Obras Completas do fluminense Adelino Magalhães, em edição definitiva, com estudos bibliográficos e críticos, será uma das primeiras publicações. Imediatamente, o romancista Cornélio Pena (fluminense de Petrópolis), será o novo editado.



CLASSIFICADOS OS VENCEDORES DO CONCURSO "SALÃO DO MAR"

PREMIO DE PINTURA, GRAVURA E DESENHO

JURI do "Salão do Mar" apontou os diversos vencedores no setor de Pintura, Gravura e Desenho. São eles, em pintura: Maria Laura Radspieler (Prêmio Lóide Brasileiro, 60 mil cruzeiros, com "Cais da Praça 15"); e Pablo Bourchard Filho (Prêmio Docas de Santos, 30 mil cruzeiros, com "Chaminés Azuis"); em gravura: Vera Tormenta (Prêmio Administração do Porto do Rio de Janeiro, 40 mil cruzeiros, com "Estaleiro"); e Darel Valença Lins (Prêmio Serviço de Navegação da Amazônia e de Administração do Porto do Pará, 20 mil cruzeiros, com "Convés"); em desenho: Abelardo Zaluar (Prêmio Companhia Nacional de Navegação Costeira, 40 mil cruzeiros, com "Navios"); e Renina Katz (Prêmio Docas da Bahia, 20 mil cruzeiros, com "Barcos").

Fizeram parte do júri, Cândido Portinari, Jordão de Oliveira, Vera Bocaiuva Mindlin, Alfredo Galvão e Edison Mota.

TEORIA E ANUNCIO

Os americanos dedicam sua imaginação, sua poesia, à publicidade. Comendo-se um sanduíche num bar da Broadway, pode-se ler na parede a definição de algum bolo: "ele estoura de delícia suave e cremosa" e do "Hamburger", diziam: "O pedaço robusto, amplo, viril de carne ternamente cercado de cenouras meigas e cheirosas. Ao lado uma moça dizia à amiga: "Não case com homem de menos de 40 anos; eles não tiveram tempo de corrigir seus defeitos..."

HOMENAGEM AO VENCEDOR DO PRÊMIO NOBEL DE LITERATURA

Prêmio Nobel de Literatura deste ano foi concedido, como se sabe, a Albert Camus, pelo conjunto de suas obras, reunidas sob o título de "Met-tant em Lumière les Problèmes se Posant de nos Jours à la Conscience Humaine".



STENDHALIANA

Quando Stendhal - pseudônimo de Henry Beyle (1783-1842) publica DE L'AMOUR, em 1822, este ensaio tão ignorado passou, que o próprio editor observou, certa feita, ao autor: "Realmente, bem posso dizer deste livro como das poesias sagradas de Pompignani: sagradas são elas, pois ninguém lhes toca". Mas DE L'AMOUR é, hoje, obra famosa a par dos romances LE ROUGE ET LE NOIR e LA CHARTREUSE DE PARME, de Stendhal. Pela sua frescura e novidade, div-se-ia escrito neste século. Julgue-o o leitor nesta breve seleção.

O amor é como a febre; nasce e domina a alma sem que nisso intervenha nossa vontade. Amar é ter prazer de ver, tocar, sentir por todos os sentidos, e tão perto quanto possível, uma criatura a um tempo amável e que nos ama. No amor nossa vaidade desdenha uma vitória demasiado fácil. A beleza é uma promessa de felicidade.

O amor é a única paixão que paga com moeda por ela mesma fabricada.

Quanto mais se agrada em extensão, menos se agrada em profundidade.

Na sociedade civilizada o amor-paixão é tão natural quanto o amor físico entre selvagens.

Uma mulher é capaz de amar e, durante um ano inteiro, não dizer mais de dez ou doze palavras ao eleito do seu coração.

O verdadeiro amor torna o pensamento da morte freqüente e fácil, mas sem terrores.

A felicidade maior que pode proporcionar o amor é o primeiro aperto de mão da mulher que se adora.

Uma pequena dúvida sempre a serenar - eis o que faz a sede de todos os instantes a vida do amor feliz.

Quanto a mim não chamo paixão senão aquela que sofre grandes desgraças, desgraças essas que os romances não pintam e que não podem pintar.

Uma mulher pertence de direito ao homem que a ama e que ama ainda mais do que a própria vida.

Não há uniões legítimas senão as que são feitas por uma paixão verdadeira.

É no declínio da vida que se passa a amar o simples e o inocente, desesperando-se do sublime.

MORTE, EVOCAÇÃO E FUGA DO POETA SANTA ROSA

Paulo de C. Armando

Rosa de vácuo
Repentina imensa
Atordoando as ruas da cidade.

Morreu o Santa
O santo, o Pá-Brasil,
Rosa de samba em cáldio
Desfile, em frente do palanque
(As mil morenas
De ouro e de escalarite
Sonoras vão dançando
Em roda do estandarte).

Santa, são tantos os tercetos
Tocados em tua flauta
Que tua flauta
Foi diminuindo
Virou Pal-Mall
No canto amargo da boca sem maldade.

O teu cigarro é de papel gravado
Doce Vélum, suave Lafuma,
Fresca e macia
Pele de mulata
De polpa antiga de maracujá.

O teu sorriso é boa festa amiga,
Água de côco, praia do Nordeste,
Um bar na Lapa
Pela madrugada
Um bate-papo ponteadado ao violão.

Por que escondeste num caixão da Índia
Teu corpo largado de fauno brasileiro?
Por que tão longe o teu adeus-surpresa?
O rosa de repente esmaecida
Onde agora a calva magnífica?
Onde o brilho moleque do teu olhar
Marcado em grifo aros de Stravinsky?
E as sábias mãos de acarinharr mulatas?

(E havia, Santa, um samba à tua espera)

Prodigioso saltimbanco multicolor
Mandei gravar a tua sombra na calçada
Em frente do Vermelhinho.

Maior Eficiência e Rendimento pela Simplificação do Trabalho

Novos métodos vão ser introduzidos na Administração do IPASE para melhorar as rotinas - O que está realizando a Comissão de Estudos e Planejamentos presidida pelo Sr. Paiva Muniz e o importante papel dos chefes de seções e seus auxiliares - Os primeiros resultados.

A necessidade de aperfeiçoar os métodos de administração, adaptando-os à moderna técnica atualmente em prática nos países mais adiantados, levou a atual direção do IPASE a constituir pela Portaria n.º 18, de 4-1-57 a Comissão de Estudos e Planejamentos, com a finalidade de proceder a estudos e propor a adoção de medidas sobre a significação das rotinas, volume e distribuição de trabalho, descentralização da execução, supressão ou criação de organismos, padronização de material, simplificação e padronização de impressos e formulários, distribuição e localização de áreas. A essa tarefa, realmente da maior importância se lançaram de imediato os componentes da Comissão presidida pelo Sr. Paiva Muniz e composta de um secretário executivo, o Prof. Ismar Dias da Silva, catadrático de Contabilidade da Universidade do Brasil; de um coordenador Hélio Figueiredo de Assunção; dos técnicos de administração Glauco Antônio Lessa de Abreu e Silva, Jesús Neves Ribeiro e Antônio Vitor Kulaing e do técnico de mecanização Valdemar Kerr.

AS DUAS FASES DO PLANO

Embora instalada oficialmente a 13 de março, a Comissão iniciou, praticamente, os seus trabalhos no dia seguinte à publicação da Portaria que a instituiu. Pelas Instruções n.º 13, de 25 de fevereiro do corrente ano seus trabalhos foram regulamentados; e, pelas de n.º 21, de 2-4-57 foram aprovadas as normas do seu funcionamento.

Segundo informações obtidas pela Revista IPASE o programa de simplificação do trabalho de um modo geral se divide em duas fases: a primeira vai do preenchimento das listas de tarefas de cada funcionário até a análise da distribuição do trabalho de cada unidade administrativa. Nessa fase obtém-se respostas para três perguntas: O que é feito? Quem faz? Quanto tempo leva para fazer?

Na segunda fase que vai da elaboração do gráfico até a sua análise, obtém-se respostas para as perguntas: Como é feito? Como deveria ser feito?

Essas duas fases do programa constituem a base que sustentará a nova organização dos métodos de trabalho há tanto tempo reclamada pelos interesses da Administração e dos segurados da autarquia dos Servidores públicos. A tarefa que pesa sobre os ombros da Comissão de Estudos e Planejamentos é das mais difíceis e trabalhosas. Por isso, para ela estão voltados neste instante as atenções e a expectativa de todos aqueles que realmente se interessam e acompanham com entusiasmo providências como essa do Sr. Paiva Muniz que se tem empenhado em dotar a entidade dos recursos e meios indispensáveis ao seu desenvolvimento.

REUNIÕES E ENTREVISTAS

O primeiro passo no programa de simplificação do trabalho foi a explanação a todos os Diretores de Departamento e do HSE das suas linhas gerais. O programa foi, efetivamente, iniciado no Departamento de Aplicação de Capital onde já se realizaram reuniões com os Chefes de Divisões e, atualmente, estão na fase de treinamento dos chefes de Seção. Acreditam os membros da Comissão que dentro de poucos dias deverão estar concluídos os trabalhos de implantação das novas rotinas no Departamento de Aplicação de Capital. Idêntico procedimento se processará em relação aos demais Departamentos do IPASE num trabalho metódico e continuado em que a técnica e os conhecimentos mais avançados da moderna administração se aliam à dedicação pelo trabalho e ao entusiasmo com que se vem devotando a Comissão. Diariamente, várias horas são consumidas nas reuniões com os chefes de seções que comparecem para debater os detalhes fundamentais de seus setores. Essas reuniões, na maioria das vezes, constituem verdadeiras aulas e não raro se transformam em entrevistas de alto alcance para elucidar os problemas em pauta. Também a Comissão tem realizado visitas "in loco" de modo a poder melhor instruir as conclusões finais de seu trabalho.

REUNIÕES E ENTREVISTAS

O primeiro passo no programa de simplificação do trabalho foi a explanação a todos os Diretores de Departamento e do HSE das suas linhas gerais. O programa foi, efetivamente, iniciado no Departamento de Aplicação de Capital onde já

PREFIRA O QUE É MELHOR...
de acôrdo com sua consciência.

Seu dinheiro empregado na compra de um bilhete reverteirá em seu próprio benefício através de centenas de escolas e maternidades.

E VOCÊ AINDA PODE FICAR RICO!
Mas saiba escolher, a Loteria do Estado do Rio de Janeiro é a única que não distribui bilhetes brancos.

- 1) Em seis meses 300 pessoas foram sorteadas com prêmios superiores a 50 mil cruzeiros, cada, somando um total de quase 30 milhões.
- 2) Sua emissão é pequena: 14 a 16 milhares. Sua chance de tirar a "sorte grande" é bem maior. E o serviço que você presta a você mesmo é certo.

LOTERIA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
Extrações tôdas as 5as.-feiras - Cr\$ 1 e 2 milhões

ADQUIRA SUA Cozinha americana EM PARCELAS OU O CONJUNTO COMPLETO!

PEÇA SUGESTÕES SEM COMPROMISSO, NO LOCAL!

Moreira Carneiro & Cia.

Moreira dos Cofres

TELEGRAMAS "COFRES"

R. MAR. DEODORO, 130-140-NITERÓI-TEL. 7771★REDE INTERNA

A REVOLUÇÃO DA TERNURA (I)

PAULO RENATO.

A dinastia do jovem faraó Ankh-en-aton sobressai da acidentada história do Egito como um parêntese de regeneração. Não há vestígios de antecedente histórico, ou mesmo social, estabelecendo as bases da reforma que se operou nesta dinastia, a XVIII dinastia. O próprio culto do Sol, que aparece, também, como um dos veículos da liturgia de outras dinastias, tem para Ankh-en-aton um sentido mais unitário e reservado, em absoluta contraposição ao animismo dominante no culto das dinastias anteriores. O Sol, ou mais precisamente, Aton — que constitui móvel e fundamento da revolução de Ankh-en-aton — é o centro em repouso de uma unidade perfeita, que se expressa, permanentemente, em afeto. A preocupação dominante da reforma atônista consiste na revelação de um centro de conexão entre o Homem e a Unidade Absoluta, representada pelo disco solar, permitindo ao primeiro expressar, conscientemente, os atributos de calor e bondade, próprios da unidade de existência humana perfeita. Observe-se que ele mesmo, o faraó reformista, manifesta o reconhecimento deste princípio ao mudar o seu nome hierárquico de Amenophis IV para Ankh-en-aton, nomeando-se, publicamente, "vida e expressão da luz solar". Esta afirmação, aliás, corresponde em essência a outra enunciada pelo Cristo, catorze séculos depois: "eu e o Pai somos Um". O que desnorteia, às vezes, em Ankh-en-aton, é o fato de comportar-se durante toda a sua vida, como um deus humano, um deus que não teme aterrisar com toda a sua bagagem de espiritualidade e proceder como o mais desprotegido dos mortais: um deus que aparou as asas de sua deidade para entoar seus hinos de fraternidade na terra dos homens. Torna-se tão visível a identificação de Ankh-en-aton com os aspectos espirituais da maioria dos problemas humanos, que alguns historiadores especializados em religião, insistem em apontá-lo como "um homem intoxicado por Deus". O abuso da expressão não faz mais que ressaltar o sereno determinismo presente em todas as manobras reformistas que animam o espírito de Ankh-en-aton, quer nos períodos de tensão, quando se vê forçado a romper com os reacionários sacerdotes de Amon, interessados em manter o Egito dividido com a multiplicação de cultos para favorecer os colonizadores estrangeiros, ou, ainda, quando decide mudar a capital do país para a zona rural, onde consolidará, finalmente, os seus objetivos com o levantamento de Tell-el-Amarna, "a vila do esplendor de Aton".

A consciência moral de Ankh-en-aton foi saturada desde muito cedo, por essa tensão afetiva que, ex-



RAINHA NEFERTITE — (espósa de Ankh-en-Aton) escultura do período amarnense: 3300 anos de ternura conservados em pedra colorida.

citando a sensibilidade, orienta a imaginação para ramos supra-normais. A par disto, sua constituição psicopercussiva dá-lhe todas as características exigidas para funcionar como um veículo transmutador de elevadas voltagens espirituais. É de muita importância levar-se em conta que seu organismo já havia sido testado, pelo determinismo responsável por sua revolução, com pesadas doenças como a epilepsia e a tuberculose, sendo incólume da prova. Um corpo que consegue suportar tais enfermidades e se refaz, sutilmente, regenerando-se com as próprias energias que o atacaram, é evidente que está afinado para expressar a mais delicada orquestração espiritual, bastando para tanto, que a tensão cósmica o assinala para a ação regeneradora.

Muito longe de constituir-se em radicalismo religioso — como o querem alguns historiadores — o Atonismo de Ankh-en-aton revela-se numa universalidade que jamais esteve presente em religião alguma. Essa unidade na aplicação de princípios, identificando coisas e seres através dum conceito assimilável pelo seu simbolismo acessível, pode ser constatada, com particularidade, quando o Atonismo reduz a culto, a procedimento vivo todos os atos do homem. A magnitude do Atonismo reside, justamente, nisto: na vivência, nesta vivência que não distinguimos nas religiões posteriores. Aparecendo no cenário da História como o primeiro homem que tentou fundar uma religião, Ankh-en-aton deveria atrair sobre sua personalidade a atenção dos líderes religiosos de nossos tempos e dos que têm a responsabilidade da sobrevivência do mundo, pois é bem possível que os efeitos de sua pacífica revolução venham a influir decisivamente, nos problemas do futuro. O retrato que dele fez o inglês Arthur Weigall pode ser considerado como um convite à meditação: "Ele nos deu, há três mil anos, um exemplo a ser seguido nos dias presentes; um exemplo de como um pai e um marido devem ser, de como um homem honesto deve proceder, de como um poeta deve sentir, de como um pregador deve ensinar, de como um artista deve chegar a realizar, de como um homem de ciência deve crer, de como um filósofo deve pensar".

JOSÉ MAURÍCIO

CILEIA FIGUEIREDO QUARESMA DE MOURA.

O ADVENTO da era cristã, colocou a música sacra em plano dominante na musicologia erudita. Dessa especial manifestação musical no Brasil, contamos com a arte de José Maurício, cuja preferência pelo gênero originou-se de diferentes causas.

O fato de ser homem de cor e pobre, numa época de convenções, onde predominava a hierarquia de nascimento, somente através de uma austera importância do clero conseguiria impor o seu talento. A música sacra no período medieval progredira no claustro, onde a confecção de suas obras era dirigida, exclusivamente para a liturgia. A medida que evoluía a catequese cristã, a música sacra se tornava objeto dos compositores profanos. Daí, encontrar-se entre os grandes artistas do período clássico até o romantismo, numerosa obra religiosa.

O Brasil, limitado pelo ambiente colonial, esforçava-se por vezes em acompanhar as influências européias, vindas através da corte. Dêsse desejo de vós mais ambiciosos nosso artista é um exemplo. Nascido a 21 de setembro de 1767, no Rio de Janeiro, daqui nunca se afastou, aprimorando sua técnica artística, unicamente por tenacidade. Não havia ainda no Brasil, professores especializados em música, contratados na Europa. Os únicos que supriam tal lacuna eram os frades. Foram eles os mestres de José Maurício.

Com a enorme cultura adquirida, dominando vários idiomas não lhe foi difícil pesquisar as diretrizes da música européia, escolhendo, adotando e estudando as melhores influências, embora a predominância italiana se fizesse sentir junto aos latinos da época. Mas, foi observando Bach e Mozart, que José Maurício encontrou eco para sua criação musical. O esforço despendido pelo autodidatismo compensou-o da árdua tarefa, colocando-o em evidência. Agastado no amor próprio, conse-

qüência do problema racial, aplicou-se com afinco, a fim de sobrepôr os brancos e não ser por eles admoestado, conseguindo preencher as exigências da Igreja, pois era tradição celebrar cada missa acompanhada de partitura nova. Todavia, sem o imenso talento, pereceria ante a adversidade a que foi submetido seu temperamento tímido e introvertido.

Quando D. João VI chegou ao Brasil, com todo o séquito, premido pela perseguição francesa, encontrou José Maurício como Mestre de Capela da Catedral (hoje igreja do Rosário), nomeado a 2 de junho de 1798. Seu talento impressionou o Imperador, que resolveu a ajudá-lo, embora houvesse pelas coucas nativas certo descaço da nobreza, ávida de retornar a Portugal, desconsiderando os brasileiros, inadmitindo confronto. Ademais, trouxera Marcos Portugal um dos melhores músicos europeus, para a Corte, ficando este deslumbrado com o mestiço, porém desejo de não perder as graças reais tratou-o politicamente, como convinha a um sério rival. Transformado em mestre da Capela Real, por D. João VI, mostrou aos visitantes estrangeiros, que por aqui chegavam a passeio, a beleza de sua música. O período mais eficiente de sua produção foi o de 1802-1804, quando frequentou o curso de oratória de Manoel Inácio da Silva Alvarenga, escreveu a missa em si bemol, sua peça mais importante.

Taunay, o mais ardoroso defensor de José Maurício, numa terra em que não se dignifica a inteligência indígena, repetidamente alertara o Senado sobre a necessidade de amparo à divulgação do artista — nosso mulato — como carinhosamente o chamava.

Sua música é quase totalmente religiosa. No terreno profano escreveu uma ópera Le due Gemelle (perdida), a abertura Tem-

postade e 12 divertimentos compostos para a banda de música que veio em 1817 acompanhando D. Leopoldina.

Além de Taunay, Porto-Alegre tentou restaurar o patrimônio artístico de José Maurício, quase todo perdido. Um enorme hiato se fez até que Alberto Nepomuceno, redescobridor do valor de sua obra, continuou as pesquisas paralisadas. Muito recentemente Luis Heitor começou novos estudos publicando-os no Arquivo de Música Brasileira. Mesmo assim, a lista é por demais pequena ante a importância artística de José Maurício, pois inequivocamente deve ser classificado como a primeira figura na arte do som no Brasil. Há unidade em sua obra, não destruindo a mais avançada técnica empregada pelos grandes da época na Europa. Na melodia transparece por vezes em relevo a ternura comum ao brasileiro. Aliás é justa a constante dêsse fator sendo o único de preponderante permanência ao seu redor.

A música de Mozart é cultuada e apreciada sem desfalecimento ante a ação do Tempo devido aos elementos eternos e puros da sua concepção criadora. José Maurício apresenta a mesma envergadura de Mozart e nós brasileiros o ignoramos e não nos lembramos de mostrá-lo ao mundo.

Teve inúmeros discípulos entre os quais Francisco Manuel, Francisco da Luz, Padre Manuel Alves Carneiro, nomes ilustres de nossa literatura musical.

Entre as missas escritas, as mais importantes são: Missa dos Defuntos, Missa da Degolação de S. João Batista, Missa de Sta. Cecília. Quanto ao famoso Réquiem, pedido por D. João por ocasião da morte de sua mãe, foi composto em condições especiais, pois nesse mesmo dia morreria sua própria mãe, extravassando o artista o exato sentimento que essa obra requeria.

LETRAS FLUMINENSES

Um que não cortejou

AFRÂNIO COUTINHO.

O escritor Afrânio Coutinho, responsável pela coluna Correntes Cruzadas, no "Diário de Notícias", não deixou passar em silêncio o septuagésimo aniversário do precursor do Modernismo no Brasil.

Nem podia, ele que, de parceria com Eugênio Gomes e Barreto, Filho, vem dirigindo A Literatura no Brasil, da qual ainda este ano se publicará o último volume.

Neste, Xavier Placer escreve o capítulo Impressionismo na Prosa de Ficção, abrangendo Pompéia, Graça Aranha e Adelino Magalhães.

A seguir o artigo do crítico de literatura:

SENTENTA anos de Adelino Magalhães dão ao a que se ponha em relevo — o que não tem sido devidamente feito — uma figura das nossas letras que conquistou um posto singular na história literária brasileira. Todavia, a julgar pela repercussão de sua obra, e pelo marginalismo a que tem sido relegada, quase desconhecida das novas gerações pelo silêncio com que é envolvida, parece que não teria a importância que, a um exame menos perfunctório, não teremos dúvida em reconhecer-lhe.

Não tendo cortejado a publicidade, por outro lado tão fácil pa-

ra os que sabem administrar a própria fama ou importância, Adelino Magalhães desde cedo teve contra si a conspiração de silêncio e a incompreensão da crítica mais ou menos oficial, que não soube captar o sentido de sua obra e o alcance da novidade que trazia para a literatura brasileira, numa época de modorra e conformismo com certos padrões estratificados.

Dominados pelo estilo realista-parnasiano, que constituía o oficialismo literário, do fim do século XIX para a primeira década do XX, não dávamos atenção a outras correntes que embora recalcadas para uma zona crepuscular, como o simbolismo, seria fadada a influir poderosamente na transformação de nosso espírito literário, conduzindo a literatura para a exploração de novas áreas que a enriqueceriam e lhe dariam maioridade. O próprio realismo seria por assim dizer o "cavalos" de uma vigorosa e fecunda enxertia que o simbolismo realizaria, resultando dessa operação toda uma nova corrente estética, que exploraria o real numa dimensão diferente da simples exterioridade, acessível à fotografia. Que foi o impressionismo senão o produto dessa infu-

são de qualidades repostas em circulação pelo simbolismo sobre a técnica realista? O fato é que não se poderá mais minimizar a pertinência da verdadeira revolução que tal alquimia estética produziu a literatura ocidental, inclusive na brasileira. Ressaltando o valor das impressões do artista, e procurando registrar tais impressões, despertadas pelo contacto com coisas, cenas, paisagens, pessoas, os artistas impressionistas introduziram todo um mundo novo na literatura, transferindo o registro das relações externas para o das relações internas que tudo aquilo provoca no espírito do escritor.

Ninguém melhor realizou o objetivo da tendência estética impressionista, no Brasil, do que Adelino Magalhães, no mesmo instante em que os seus maiores representantes estrangeiros a elevavam a um dos mais altos momentos de ficção ocidental, e assim como que a dar razão aos advogados da interpretação geracional da história literária, pois isso era feito sem que nenhum contacto houvesse entre brasileiro e europeus. Aperfeiçoando e levando às últimas conseqüências o delgado filêto que viera de Pompéia e

Graça Aranha, teve Adelino Magalhães a coragem de enfrentar a desconfiança e a hostilidade de um meio despreparado por aquela tradicional decalagem mental que caracteriza o brasileiro, construindo uma obra que foi o escândalo de uma época bempensante, e que não precisaria pedir vênias aos modernistas para violentá-la nos preconceitos e temores.

Foi mister aguardar muito tempo para que se viesse sentir a importância e a superioridade dessa obra. O seu autor nada fez para isso. Ao contrário, a sua alta dignidade intelectual, a sua vida de caramujo, sempre o impediram de participar na vida literária e conquistar, graças aos processos tão eficientes em outros casos, a fama fácil. Mas, a sua consciência artística, nessa altura, deve estar satisfeita porque o reconhecimento lhe chegou afinal, sem embargo da escassez de glórias. Mas essa situação é mais valiosa, mais sólida, do que os fugazes aplausos que não repercutem para a posteridade, porque não se justificam pelo valor da obra e a solidez dos alicerces, antes resultando da boa administração de camarilhas.

Psicologia da composição poética

MARIO NEWTON FILHO

A PSICOLOGIA da composição poética decorre naturalmente da psicologia do artista criador. Entre os dois temperamentos poéticos extremos — o tipo "inspirado" (romântico) e o tipo "cerebral" (clássico) — existe a gama infinita formada pelos tipos intermediários, nos quais há sempre o predomínio, mais ou menos acentuado, de um desses dois tipos puros.

O tipo "inspirado" é amador de poesia. Não escolhe temas nem tortura a expressão verbal. Em vez de procurar a poesia, espera que ela venha espontaneamente ao seu encontro, que ela nasça sem esforço do seu mistério interior, sem que nesse ato gratuito haja a interferência da vontade. Resulta daí uma poesia subjetivista, oriunda das regiões insondáveis do inconsciente. Tal poesia expressa a experiência vivencial do poeta, de um modo direto, puro, autêntico. O poeta "inspirado" não obedece a nenhuma regra ou sistema em voga, criando a sua peculiar maneira de versar, numa afirmação de sua personalidade. A poesia de tais vates é quase sempre elaborada em estado de graça. Por tudo isso, é pessoal e introspectiva, fixando os raros instantes de poesia que iluminam a existência prosaica do autor. Poesia de poeta cercado por um mundo a outro. Poesia revelação.

O tipo "cerebral" constroi a poesia. Elege um tema e procura retirar dele o máximo de poesia, abordando-o sob todos os ângulos. Trabalha até a exaustão o material poético, a fim de extrair poesia dos objetos mais prosaicos, esforçando-se por desencadear no espírito do leitor uma calculada emoção estética, através do poema. A poesia dos "cerebrais" consiste em fabricar poemas que comuniquem ao leitor, não propriamente a sua visão ou experiência pessoal do mundo, mas sim aspectos novos da realidade circundante. É uma poesia interessada, comprometida com os valores temporais. Poesia que aceita o circunstancial e que despreza os temas eternos. Tais poetas são objetivos e impessoais, desconfiando dos "rapto de lirismo" a que todos os homens sensíveis estão sujeitos. Sua atividade artística é voluntária e consciente. Não admitem arte desinteressada e gratuita, transformando-a em severo artesanato. Poesia invenção.

Difícil será colocar êsse ou aquele poeta num dos pontos extremos dessa classificação rígida. Os tipos puros de "inspirados" e de "cerebrais" são sempre muito raros. Pode-se, quando muito, observar as tendências que tais ou quais poetas manifestam.